

Entre definições e deflações

Entre definiciones y deflaciones

Between definitons and deflations

André Reyes Novaes and David Palacios



Electronic version

URL: <http://terraBrasilis.revues.org/1349>

ISSN: 2316-7793

Publisher:

Laboratório de Geografia Política -
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira
de História da Geografia e Geografia
Histórica

Electronic reference

André Reyes Novaes e David Palacios, « Entre definições e deflações », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 4 | 2015, posto online no dia 12 Fevereiro 2015, consultado o 01 Outubro 2016. URL : <http://terraBrasilis.revues.org/1349>

This text was automatically generated on 1 octobre 2016.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Entre definições e deflações

Entre definiciones y deflaciones

Between definitons and deflations

André Reyes Novaes and David Palacios

- 1 A história da cartografia e a cartografia histórica são campos de estudo com reconhecimento recente. Ao menos essa é a narrativa presente no texto de muitos autores que buscam sintetizar a história destes campos. De um ramo da biblioteconomia que se apresentava como um “antiquário” com “significado acadêmica limitado”, a história da cartografia teria passado por uma “dramática mudança de paradigma” nos anos 1980 (Edney, 1996, 2005), o que assegurou que o campo ganhasse um reconhecimento progressivo. O crescente número de congressos, periódicos e livros dedicados à história da cartografia a partir da década de 1990 teria auxiliado na superação de um passado empiricista e sem “fundamentos metodológicos e filosóficos cristalizados” (Ruggles, 1981).
- 2 A estratégia historiográfica descrita acima foi útil para que a história da cartografia chegasse ao século XXI como um campo de estudo com reconhecimento institucional crescente. A preocupação com o estabelecimento de “definições” basilares ganhou destaque em grande parte dos trabalhos sobre história da cartografia no final do século XX. Não por acaso, o primeiro capítulo da famosa monografia publicada por Harley e Blackemore em 1980, sob o título *Concepts in the History of Cartography*, foi intitulado justamente “Definições”, e buscava caracterizar a história da cartografia e a cartografia histórica como campos interdependentes, mas não intercambiáveis. Após problematizar a pouca atenção dada à formulação de definições, os autores endossam as delimitações de Skelton (1972):

Assim como "geografia histórica" não é a mesma coisa que "história da geografia", também não devemos confundir "cartografia histórica" com "a história da cartografia"(ou “história cartográfica”). Geografia e cartografia histórica são procedimentos pelos quais as circunstâncias geográficas do passado são reconstruídas... A história da geografia e a história da cartografia traçam o

desenvolvimento do conhecimento e das ideias do homem sobre a terra e as formas gráficas com as quais ele a expressou. (Skelton, 1972)¹

- 3 Essas delimitações podem ter sido úteis para a afirmação e o reconhecimento destes campos a partir da segunda metade do século XX. Ao propormos um título com os termos *História da Cartografia e Cartografia Histórica* para o presente número da Revista Terra Brasilis, entretanto, não tivemos como objetivo reproduzir delimitações totalizantes, diferenciações essencialistas ou dicotomias tradicionais. É fundamental pontuar a importância de autores como John Brian Harley, David Woodward e Matthew Edney para a formulação e a difusão de um novo entendimento sobre a história da cartografia. No entanto, para além de construir uma estratégia narrativa que fixe marcos temporais e autores fundadores, talvez seja mais produtivo focar a prática e os desdobramentos institucionais destes campos de estudo. Os artigos aqui reunidos congregam traços da cartografia histórica e da história da cartografia por meio de pesquisas empíricas originais e devem ser entendidos no contexto do desenvolvimento destas áreas na América Latina.
- 4 Embora o mundo acadêmico anglo-saxão tenha concentrado grande parte das reflexões sobre a história da cartografia, este campo vem ganhando expressividade notória no contexto latino-americano. Um exemplo eloquente é o Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia, um encontro que chegou a sua 5ª edição congregando pesquisas de qualidade com abordagens e origens variadas.² Foi justamente devido à produção acadêmica apresentada no terceiro destes encontros, realizado pelo Laboratório de Geografia Política do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, nó da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, em abril de 2010,³ que foi possível apresentar este número da *Terra Brasilis* na sua ampla variedade temática e metodológica. Congregando pesquisadores argentinos, colombianos, brasileiros, mexicanos, peruanos, equatorianos e portugueses, a presente edição da revista contém artigos que apontam para diferentes combinações nas relações entre história e cartografia.
- 5 Classificar esses artigos e taxá-los como tradicionais ou críticos, empiricistas ou teóricos, internalistas ou externalistas, centrados na história da cartografia ou na cartografia histórica, seria uma tarefa desnecessária e possivelmente infrutífera. Ao invés disso, a intenção aqui foi agrupar textos que, cada um a seu modo, expressam a diversidade do campo e evidenciam diferentes formas de combinação entre história da cartografia e cartografia histórica, assim como evidenciar os diálogos crescentemente qualificados entre os pesquisadores latino-americanos e entre estes e seus colegas do hemisfério norte.
- 6 Além dos textos selecionados através do simpósio, também recebemos contribuições por meio da chamada de artigos efetuada através do site da revista, o que foi fundamental para compor a versão final aqui apresentada com artigos, notas de pesquisa, documentos, resenhas e traduções. É da tradução publicada na seção de clássicos, que tiramos um pouco da inspiração para apontar alguns caminhos que podem arejar as práticas de estudo na história da cartografia.
- 7 Uma contribuição importante quando se procura questionar a naturalidade das definições dicotômicas tão recorrentes na ciência moderna é Bruno Latour. No texto aqui traduzido sob o título “Cognição e visualização, pensando com olhos e mãos”, publicado originalmente em 1986, o autor apresenta as primeiras formulações de conceitos interessantes para a história da cartografia que foram desenvolvidos de forma mais ampla posteriormente. Como em muitos de seus textos, Latour argumenta que a divisão entre

cultura científica e pré-científica é apenas uma fronteira, “como aquela entre Tijuana e São Diego”, imposta arbitrariamente pela polícia e os burocratas. Neste sentido as divisões disciplinares e a delimitação de áreas de estudo como a história da cartografia e a cartografia histórica seriam “úteis para o ensino, para as polêmicas e para os discursos”, mas ao invés de fornecerem uma explicação, constituiriam “aquilo que deve ser explicado” (Latour, 1983).

- 8 Um ponto interessante do argumento de Latour, que pode oferecer ferramentas úteis para uma pesquisa sobre mapas e história, é sua tentativa de “seguir um curso que possa nos levar para fora do relativismo simples”. No caso da história da cartografia, a ideia seria evitar uma narrativa que iguale de forma genérica todos os mapas, considerando as imagens cartográficas como “construções sociais” (Crampton, 2001) ou “documentos humanos” (Edney, 1993). As críticas aos cânones da cartografia tradicional, que postulavam que os “mapas nunca são imagens isentas de juízo de valor” (Harley, 1988), foram e permanecem sendo muito pertinentes, mas muitos trabalhos feitos a partir desta tendência rumaram para o relativismo simplista do qual Latour busca fugir.
- 9 Para exemplificar seu argumento, o autor utiliza uma imagem cartográfica produzida nas viagens de La Pérouse pelo Pacífico para Luís XVI. A viagem tinha como missão explícita trazer de volta um melhor mapa das costas asiáticas, no intuito de resolver, entre outras dúvidas, se Sacalina era uma ilha ou uma península. Ao chegar na localidade, La Pérouse se surpreende com o entendimento de geografia dos chineses, pois um velho rapidamente desenha um mapa na areia com a escala e os detalhes procurados por ele. Ao observar que a maré iria subir, um jovem nativo corre para pegar papel e pena e desenha um mapa para os expedicionários. A chave, para Latour, é que esta inscrição é passível de ser transportada, como uma imagem móvel que pode ser *levada de volta a Versailles* e que constitui de fato o objetivo da expedição. A anedota pode ser apócrifa, e episódios similares são conhecidos e tem sido explorados pela literatura especializada, porém a partir dela podem-se desdobrar argumentos e ferramentas interessantes para se pensar a história da cartografia.
- 10 Segundo o autor é difícil encontrar critérios para diferenciar a geografia “selvagem” da “civilizada”. Não há divisões entre teorias primárias e secundárias, métodos implícitos ou explícitos ou geografias imaginárias e concretas que possam sobreviver a um argumento relativista. Mesmo reconhecendo essas dificuldades, Latour busca diferenciar essas geografias a partir de dois conceitos que gostaríamos de destacar aqui. O primeiro é o de *mobiles imutáveis*, que o autor aplica para todas as formas de *inscrições*. Uma diferença clara entre o mapa de La Pérouse e o mapa do chinês é que o viajante francês necessita que o mapa se torne um objeto que seja tanto móvel, para ser transportado na viagem de volta, quanto imutável, para conservar ao máximo as informações consignadas nele e permitir que essas sejam apresentáveis e combináveis com outras colhidas e acumuladas nos centros metropolitanos.
- 11 O segundo conceito a ser destacado é o de *centros de cálculo*, utilizado para designar esses lugares onde as inscrições são acumuladas, comparadas e catalogadas. Na história da cartografia pode-se pensar em inúmeros centros de cálculo, que ao acumularem mapas de variadas regiões do globo tornaram-se capazes de agir e controlar lugares distantes e processos em ampla escala. Na concepção do autor, os cálculos em si são menos importantes do que a forma na qual são arranjados em cascatas, combinados em séries para tornar as inscrições legítimas e utilizáveis nas práticas de governo, controle e conquista. Diferentemente do mapa desenhado na areia pelo chinês, o mapa de La Pérouse

será incorporado a uma série de mapas comparáveis e combináveis entre si nos centros de cálculo, tornando um pedaço de papel uma ferramenta fundamental para o exercício do poder.

- 12 Os argumentos de Latour certamente ecoam muitos debates já travados por historiadores da cartografia. Não é de hoje o reconhecimento da necessidade de uma aproximação entre história da cartografia e história das ciências (Harley, 1988) e muito tem se discutido sobre a quebra de dicotomias como realidade/representação, sujeito/objeto, corpo/espaço, território/mapa na prática de pesquisa da cartografia (Del Casino e Hanna, 2006). No entanto, buscamos aqui, apenas evidenciar como um autor de fora do campo da história da cartografia e da cartografia histórica pode oferecer caminhos e ferramentas para se pensar as trocas e a circulação de conhecimento cartográfico para além das dicotomias e relativismos generalizantes.
- 13 A diversidade metodológica e temática dos artigos oferecidos neste número evidencia como muitas pesquisas contemporâneas se debruçam sobre os arquivos cartográficos por meio de perguntas que evitam as generalizações *a priori* e as grandes dicotomias que povoaram a história da cartografia. Seguindo uma tendência que Latour chamaria de “estratégia deflacionária”, alguns trabalhos do presente número valorizam a prática e a produção material dos mapas, estudando os processos pelos quais o território é transformado em papel e o papel, por sua vez, torna-se território e se faz “menos papel” por meio do agenciamento das imagens. Esperamos que esta reunião de artigos e documentos possa estimular o desenvolvimento de estudos que relacionem cartografia e história em múltiplas direções na academia brasileira, valorizando tanto as práticas de produção dos mapas como suas combinações com outras inscrições no processo de controle e ação sobre o território.

BIBLIOGRAPHY

CRAMPTON, Jeremy W. 2001. Maps as social constructions: power, communication and visualization. *Progress in Human Geography* 25, 2, 235–252

DEL CASINO Jr. Vicente and HANNA, Stephen P. 2006. Beyond The ‘Binaries’: A Methodological Intervention for Interrogating Maps as Representational Practices. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, 4 (1), 34-56.

EDNEY, Matthew H. 1993. Cartography without 'Progress': Reinterpreting the Nature and Historical Development of Mapmaking. *Cartographica* 30, 54-68.

_____ 1996. Theory and the History of Cartography. *Imago Mundi*. 48, 185-191

_____ 2005. Putting “Cartography” into the History of Cartography: Arthur H. Robinson, David Woodward, and the Creation of a Discipline. *Cartographic Perspectives* 51, 14-29.

HARLEY, John Brian and BLAKEMORE, M. J. 1980. Concepts in the History of Cartography, A Review and Perspective. A special issue of *Cartographica*, Volume 17, no. 4, Winter 1980, Monograph 26, 120 p.

HARLEY, J. B. 1988. Maps, Knowledge and Power. In D.E. COSGROOVE e S. DANIELS (eds.). *The Iconography of Landscape*. Cambridge. University of Cambridge Press. 277-312.

LATOURE, B. 1983. "Comment redistribuer le grand partage ?" *Revue Internationale de Synthèse* 104 (110) :202-236.

_____ 1986. *Visualisation and Cognition: Drawing Things Together*. Thinking with eyes and hands in H. Kuklick (editor) *Knowledge and Society Studies in the Sociology of Culture Past and Present*, Jai Press vol. 6, pp. 1-40

RUGGLES, Richard I. 1981. Book Reviews. Concepts in the History of Cartography, A Review and Perspective. M.J. Blakemore and J.B. Harley. *Archivaria*. The Journal of the Association of Canadian Archivists. 13, 140 - 144.

SKELTON, R. A. 1972. *Maps: a historical survey of their study and collecting*. Chicago. University of Chicago Press.

NOTES

1. Just as "historical geography" is not the same thing as "the history of geography", so we must not confuse "historical cartography" with "the history of cartography" (or "cartographic history"). Historical geography and cartography are procedures by which the geographical circumstances of the past are reconstructed...The history of geography and the history of cartography trace the development of man's knowledge and ideas about the earth and the graphic forms in which he has expressed them" (Skelton, 1972).

2. O primeiro Simpósio, organizado por Carla Lois, teve lugar em 2006 em Buenos Aires; o Segundo na cidade de México (2008), organizado por José Omar Moncada Maya, Eulália Ribera Carbó, Héctor Mendoza Vargas e Pere Sunyer Martín; o Terceiro em São Paulo (2010); o Quarto em Lisboa (2012, <<http://4siahc.wordpress.com/>>), organizado por Francisco Roque de Oliveira, Miguel Rodrigues Lourenço, Guadalupe Pinzón Ríos, Maria Helena Esteves, Maria Joaquina Feijão e Zoltán Biedermann; e o Quinto em Bogotá (2014, <<http://5siahc.uniandes.edu.co/>>), sob organização de Mauricio Nieto Olarte, Sebastián Díaz Ángel, Lucía Duque Muñoz, Lina Espinosa Salazar, Martha Herrera Ángel e Timothée de Saint-Albin.

3. Realizado pelo Laboratório de Geografia Política do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, sendo a comissão organizadora conformada por Antonio Carlos Robert Moraes, Beatriz Bueno, Clenes Louzeiro, David Ramírez Palacios, Fernanda Padovesi Fonseca, Iris Kantor, Manoel Fernandes de Sousa Neto e Reinaldo Paul Pérez Machado, Cf. <<http://3siahc.wordpress.com/>>.

AUTHORS

ANDRÉ REYES NOVAES

Professor – Departamento de Geografia – UERJ

DAVID PALACIOS

Doutorando – Departamento de Geografia – USP